

**Comunicação apresentada ao 1º Encontro distrital de Bibliotecas  
escolares-Centros de recursos educativos- Moita 13-02-2003, por  
Fernanda Botelho de Sousa, E.S.E. de Setúbal.  
“As Dinâmicas da leitura”**

**Grupo de trabalho:** *Histórias de televisão, leituras do quotidiano*

Sempre que o tema, “**crianças e televisão**”, é debatido, ouvimos, sistematicamente e apenas, os seus aspectos negativos que, em nossa opinião se relacionam, fundamentalmente, com crenças. Às vezes a televisão é acusada de

roubar tempo que deveria ser utilizado na leitura, no estudo, na prática do desporto ou no convívio familiar; é acusada de passividade e de maus hábitos familiares, de desinteressar as crianças e os jovens da leitura e, de uma forma geral da escola...(Seixas, 1997, p.22);

Outras vezes,

de quase todos os males sociais e, em particular, de desinteressar as crianças da escola, da leitura e de actividades física e mentalmente saudáveis (Santos, 1991, p.15).

e até é culpada de:

nearly everything that is undesirable. If society is perceived to be marching in mindless lockstep, TV is the reason. If citizens are perceived to have become unduly critical of politicians and public institutions, TV is the reason. Crime on the rise, blame TV. The standardized test scores of high school seniors falling- it's TV's fault (Monaco, 1998, p.115).

Ao invés de todas estas acusações, reiteramos que a televisão proporciona experiências valiosas às crianças, que importa não só preservar como alargar. As inúmeras investigações desenvolvidas, bem como os trabalhos criativos, mas anónimos, que se realizam nas escolas em torno da televisão, fazem sobressair os seus aspectos positivos. Fala-se da relação “**crianças e televisão**” sem se ter uma definição precisa destes dois termos que, por um lado, envolvem uma enorme variedade de indivíduos e, por outro, uma

diversidade de programas, de canais e de modos de recepção. As pessoas, a quem só importam os aspectos negativos da relação “crianças e televisão”, situam-se na perspectiva dos que não consideram as necessidades das crianças e desconhecem a essência desta relação. Davies,<sup>48</sup> acrescenta:

What children get from television depends on what children bring to it. Depending on how old they are, how bright they are how tired they are, what sort of family they belong to, what sort of skills they already have, television will affect them differently (1989, p.4).

Temos de conhecer por um lado, as “boas” características da televisão e por outro, as capacidades discriminativas e criativas das crianças para podermos compreender o papel que aquele meio desempenha nas suas vidas. Efectivamente, as crianças usam a televisão com finalidades determinadas. Há ainda a acrescentar, segundo investigações em curso, que **as crianças aprendem com qualquer tipo de programa**, mesmo com os que não foram concebidos com essa finalidade. Consequentemente, o papel da escola parece incontornável.

Habitualmente, as crianças sentem-se muito à vontade com os *Media*, quaisquer que eles sejam, não oferecendo quaisquer resistências às aprendizagens envolvidas. Sentem-se menos ameaçadas, no seu uso, do que os adultos. Usar muito um *Medium* pode significar que se dispõe de menos tempo para outras coisas. Existem, de facto, limitações de tempo e colocam-se as “velhas questões”, por nós já enunciadas, da substituição de actividades, nomeadamente da leitura. No entanto e de acordo com Gunter (1997), alguns estudos apontam que as crianças e os adolescentes aprendem rapidamente como integrar nas suas vidas o que querem ver na televisão, sem sacrificar outras actividades. É evidente que esta perspectiva levanta algumas problemas sobre a natureza do visionamento de televisão, uma vez que esta actividade é, muitas vezes, desenvolvida, em simultâneo com outras, tais como: ler, comer, conversar ou brincar.

---

<sup>48</sup> No seu controverso livro *Television is good for your kids* (1989)

**A investigação tem mostrado que não há dados consistentes sobre o facto do visionamento de televisão influenciar, negativamente, a quantidade de tempo dispendida com outras actividades, embora nem todos os investigadores estejam de acordo sobre isto.** Todavia, parece haver alguma consistência sobre o facto do visionamento de televisão poder substituir actividades alternativas e não quaisquer outras, eventualmente, por serem equivalentes. Várias investigações têm sido realizadas sobre as razões por que se vê televisão, sobretudo no âmbito do paradigma “*Usos e Gratificações*”. As razões, mais frequentemente, apontadas têm sido as seguintes: hábito, preenchimento de tempo, realização de aprendizagens, vários tipos de companhia (das pessoas ou das personagens da televisão), fonte de conversa comum, evasão e motivações várias.

Sobre a natureza do **visionamento de televisão**, propriamente dito, existem duas perspectivas opostas: uma indica que a **atenção** é controlada pelos aspectos formais da televisão; a outra aponta que as próprias crianças aprendem a controlar a sua atenção relativamente ao que vêem, de acordo com o **significado** que tem para si. Daqui decorre que o visionamento é activo e que a criança dá atenção ao que compreende e por conseguinte, a atenção é guiada pela compreensão podendo este processo ocorrer, quase automaticamente, em função das suas experiências anteriores com a televisão. Para além da construção da significação, o grau de “**previsibilidade**” tem sido considerado como factor importante na manutenção da atenção. Naturalmente com o desenvolvimento, as crianças adquirem as competências intelectuais necessárias para organizar determinados elementos da televisão em conjuntos coerentes e significativos.

Outro aspecto interessante da relação das crianças com a televisão, nomeadamente sobre a compreensão que conseguem, diz respeito aos **estilos de visionamento**, de acordo com a tipologia de programas que vêem. Baseando-se num amplo estudo realizado por Anderson e Lorch (1991), Gunter

(1997, p. 37) afirma que o estilo de visionamento varia em função da idade, do contexto de visionamento, da relevância do programa para o espectador assim como com as suas finalidades. Conseqüentemente, **a atenção das crianças à televisão não é nem passiva, nem constante**. O nível de atenção dispendido por cada criança, no visionamento de cada programa, relaciona-se com o significado quer da mensagem visual, quer da sonora, bem como com o tempo que cada uma delas dispõe para as assimilar, ou seja, para construir a sua significação. Neste sentido, **o tipo de programa é um factor importante na compreensão conseguida**. Além disso, para se obter **prazer com a televisão é necessário compreender**. Por outras palavras, se um programa não fôr compreendido, é pouco provável que seja apreciado.

A televisão é um meio tão frequentemente descrito como visual que se omite, por vezes, que se trata de um poderoso meio quer verbal, quer sonoro. Por isso, **para compreender a televisão, para além de competências visuais, requerem-se competências linguísticas, por vezes complexas, ao nível da construção frásica, do vocabulário e das referências envolvidas**, mesmo em programas concebidos, especificamente, para crianças. Como se sabe, as crianças têm capacidades inatas para adquirir e usar a linguagem. Ao propiciar-lhes uma linguagem variada e em situação, usada por pessoas muito diferentes e em situações diversificadas, a televisão potencia-as. Seixas caracteriza-a da seguinte forma:

Ao difundir discursos de personalidades tão variadas como ministros e camponeses, crianças, jovens e velhos, desportistas e professores, açorianos e minhotos, portugueses e estrangeiros, a TV põe o seu espectador perante o panorama de uma língua vária e legitima essa variedade pela sua própria reprodução pública... (1997, p.26).

Frequentemente também, **as crianças não ouvem nem lêem, em qualquer outro contexto, os diferentes discursos e os diversos estilos a que acedem pela televisão**. No entanto e, apesar desta experiência com a linguagem poder ser interessante, a televisão não fornece às crianças, pela sua própria natureza, qualquer tipo de “feedback”, essencial ao seu processo de

aquisição e desenvolvimento. Atenuando este facto, Davies (1989, p.19) acrescenta que, de igual modo, as crianças não aprendem a ler apenas por terem livros à sua volta.

**A narrativa é, certamente, o género mais difundido pela televisão e as histórias, em geral, constituem aquilo que as crianças mais vêem.** Se a partir da experiência que têm da vida real, as crianças aprendem como se desenvolvem os acontecimentos ou a resolver problemas, na televisão, as ligações entre os acontecimentos nem sempre são tão explícitas. Apesar disso, a televisão é sem dúvida uma preciosa fonte de informação sobre as histórias e a sua estruturação. Intellectualmente, o acto de ver televisão pode potenciar algumas competências, nomeadamente:

Can stimulate conversational skills, cooperation with other children, imaginative play, the development of logical inferences, the understanding of stories and insight into (and sympathy with) other people's dilemmas. ... can introduce children to complex literary concepts of plot and style... (Gunter, 1997, p.222).

**O desenvolvimento das crianças depende, em parte, do que as circunda.** Será difícil que as crianças sejam pacíficas se o contexto, em que vivem, for violento, ou sejam generosas, se todas as pessoas com quem lidam não o forem. **É neste contexto que temos de enquadrar as influências da televisão. Davies (1989, p.161) considera que é pouco provável que a influência da televisão se sobreponha à da família e à da comunidade.** Monaco acrescenta:

“What is on television, however, does not cause social misery, nor does what is on television cause crime” (1998, p.122)

Sintetizando: Sendo **geneticamente únicas**, as crianças desenvolvem-se, de acordo com **padrões biológicos semelhantes**. Todavia, estes padrões **desenvolvem-se em contextos sociais e culturais específicos e geográficos e temporais diversos**. Deste modo, cada criança é também, experiencialmente, única. **A televisão representa uma parte duma rede ampla**

**de experiências e relações, nas suas vidas.** A forma como cada criança é afectada interage com todas as suas outras experiências e relações, uma vez que a televisão existe num contexto social, familiar e comunitário. As pessoas com quem as crianças interagem constituem o seu primeiro mundo. A este propósito, o autor citado afirma:

The erosion of primary relationships in the lives of many young people, and not the effects of the secondary ones that viewers supposedly have to fictional characters, is the root of social pathologies”(Monaco,1998, p.121)

Vemos assim que este autor considera que a razão das patologias sociais se situa no âmbito das relações primárias e imediatas de cada criança.

*Fernanda Botelho de Sousa*